

A espiritualidade no atendimento de mulheres usuárias de substâncias

Spirituality in the care of women substance users

Janine Targino*

Resumo

O artigo apresenta e analisa as representações acerca da espiritualidade presentes nos relatos de mulheres usuárias de substâncias que buscam acolhimento em comunidades terapêuticas (CTs) de perfil religioso. Os dados observados são provenientes de entrevistas semiestruturadas realizadas ao longo do segundo semestre de 2020 com mulheres acolhidas em duas CT's, sendo uma delas de perfil católico carismático e outra vinculada a uma igreja que compõe o protestantismo histórico. As lideranças dessas instituições foram igualmente ouvidas com a intenção de alcançar informações a respeito da maneira como religião e espiritualidade são acionadas e articuladas no método empregado por essas CTs. A principal conclusão desse trabalho indica que as estratégias institucionais aplicadas para afastar essas mulheres do uso de substâncias fundamentam-se em narrativas religiosas que, muitas vezes, são ressignificadas pelas acolhidas por meio de suas próprias experiências subjetivas ao longo da permanência na CT. Ainda, deve-se ressaltar que a espiritualidade vivenciada pelas entrevistadas parece, em algumas situações, confrontar as orientações institucionais.

Palavras-chave: comunidades terapêuticas. Espiritualidade. narrativas religiosas.

Abstract

This paper presents and analyzes the representations about spirituality present in the reports of women who use substances who seek shelter in therapeutic communities (TCs) with a religious profile. The data observed come from a semi-structured origin carried out during the second half of 2020 with women in two TC's, one of them with a charismatic Catholic profile and the other linked to an a historic protestantism church. The leaders of these institutions were also heard with the intention of obtaining information about the way religion and spirituality are studied and articulated in the method by these TCs. The main conclusion of this work indicates that the institutional disciplines applied to keep these women away from substance use are based on religious narratives that are often re-signified by these women through their own subjective practices throughout their stay in the TC. Still, it should be emphasized that the spirituality experienced by the interviewees seems, in some situations, to confront institutional guidelines.

Keywords: therapeutic communities. Spirituality. religious narratives.

Artigo submetido em 30 de agosto de 2021 e aprovado em 1 de julho de 2022.

* Doutora em Ciências Sociais pela UERJ. Professora na IUPERJ-UCAM. Professora da UNIRIO. País de origem: Brasil.
E-mail: janine.targino.silva@gmail.com

Introdução

Este artigo apresenta e analisa as representações acerca da espiritualidade presente nos relatos de mulheres usuárias de substâncias acolhidas¹ em duas comunidades terapêuticas (CT's) de perfil religioso voltadas exclusivamente para o público feminino. Busca-se, assim, compreender como a espiritualidade é acionada nas narrativas das mulheres atendidas enquanto um recurso capaz de promover o afastamento do uso de drogas.

O material estudado provém de entrevistas semiestruturadas² realizadas ao longo do segundo semestre de 2020 em instituições escolhidas dentro de vertentes religiosas católica e evangélica. Tal escolha fundamenta-se em dados recentes publicados pelo IPEA (2017) que indicam que a maior parte das CTs brasileiras possui orientação religiosa evangélica (47%) e católica (27%). Ao todo, cinco mulheres em acolhimento e uma liderança foram entrevistadas em cada uma das duas CTs selecionadas, perfazendo um total de 12 entrevistas.

Embora muito tenha sido dito sobre o esfacelamento do conceito de religião (ORO; STEILL, 1977) ou sobre o próprio fim da religião (GIUMBELLI, 2002), lida-se na atualidade com uma realidade na qual a religião e a religiosidade não desapareceram. No entanto, tal qual sugere Berger (1996), elas estariam passando por processos de reordenamento. Nesse cenário de profundas mudanças, a mais instigante para o presente artigo trata-se da transmutação de religião em espiritualidade.

A espiritualidade está conectada a uma questão de natureza pessoal, assim dizendo, seria uma “resposta a aspectos fundamentais da vida, relacionamento com o sagrado ou com o transcendente, o qual pode (ou não) levar ao desenvolvimento de rituais religiosos e à formação de comunidades.” (SIQUEIRA, 2008, p. 428). Ainda, a espiritualidade está fundamentada em

¹ Ao longo do texto será usado o termo “acolhida” para se referir às mulheres atendidas nas CTs. A utilização desse termo tem por objetivo expressar a condição em que essas mulheres se encontram e como elas se reconhecem, uma vez que elas permanecem nessas instituições voluntariamente e podem sair a qualquer momento. No entanto, é importante ressaltar que esse é um termo êmico que tem sido utilizado no universo das CTs, mas que não reflete, necessariamente, uma definição amplamente aceita nos campos de política de drogas e saúde, e sua utilização pelas CTs é controversa.

² A execução desta pesquisa ocorreu mediante a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Ao projeto de pesquisa aprovado foi atribuído o CAAE 35363920.9.0000.5582. As entrevistas e demais interações com as acolhidas e os membros das equipes de apoio seguiram todos os cuidados sanitários necessários para a condução de pesquisa durante a pandemia de Covid-19.

aspectos pessoais e subjetivos refletidos pelo indivíduo em sua experiência religiosa ou em sua busca pelo sagrado. Para os fins desse artigo, o conceito de espiritualidade será usado na análise dos relatos das acolhidas entrevistadas com a intenção de explorar como se constroem as experiências dessas mulheres com o sagrado segundo suas impressões pessoais e subjetivas.

No que compete à caracterização do *locus* da pesquisa, a CT1 trata-se da sede de uma rede formada por diversas unidades instaladas no Brasil e em outros países. Esta é uma instituição dirigida por integrantes de uma comunidade religiosa surgida no bojo da Renovação Carismática Católica (RCC)³ e está localizada no interior do Estado de São Paulo. Entre as singularidades da CT1 destaca-se a escola e a creche que fazem parte da infraestrutura dedicada ao recebimento dos filhos das mulheres acolhidas⁴. Em função disso, no momento da realização das entrevistas, encontravam-se aproximadamente vinte crianças⁵ na companhia de suas mães dentro da CT⁶.

Já a CT2 encontra-se na região norte do Estado do Rio de Janeiro e é fruto da iniciativa de uma denominação evangélica que compõe a categoria chamada de protestantismo histórico⁷, atuante na oferta de atendimento a mulheres usuárias de drogas. A CT2 faz parte de uma rede que possui unidades voltadas ao atendimento do público feminino, assim como também outras unidades que recebem apenas indivíduos do sexo masculino. Todas as unidades são administradas por membros da igreja evangélica responsável pela idealização do projeto. Vale destacar que, diferentemente da CT1, a CT2 não recebe mulheres acompanhadas de seus filhos.

Ainda, no que diz respeito à caracterização das CTs analisadas na pesquisa – ou das CTs, numa perspectiva mais abrangente – enfatizamos os mesmos elementos descritos por De Leon (2003), onde o autor diz que:

³ Para mais detalhes a respeito da RCC, ver Carranza, 2000.

⁴ A escola e a creche também recebem crianças de famílias que vivem nos arredores da CT.

⁵ O cenário particular da CT1 inspira questões a respeito do impacto que a estadia na instituição pode gerar sobre as crianças. No entanto, não faz parte do escopo deste artigo observar esse aspecto.

⁶ Algumas acolhidas estavam acompanhadas de mais de um filho. Em torno de oitenta mulheres estavam na condição de acolhidas na CT1 quando as entrevistas foram realizadas.

⁷ A respeito da categoria “protestantes históricos”, ver Campos, 2013.

Quando caracterizada amplamente em termos antropológicos culturais, a CT tem características semelhantes a outras comunidades, como as religiosas e as seculares, as pequenas cidades, os bairros, as prisões, os hospitais, as clínicas, os quartéis militares, as escolas e até as corporações. Ela tem um propósito geral, uma estrutura organizacional, regras formais e normas informalmente partilhadas, valores, crenças, costumes específicos de sua própria “cultura”. Tal como outras comunidades, as CTs dependem da adesão, dos investimentos e da lealdade de seus participantes para ter comunidade. (DE LEON, 2014, p. 93).

É imprescindível ressaltar que a percepção compartilhada sobre o uso de substâncias dentro das CTs analisadas se constrói entre as concepções de pecado e doença. Por isso, essas duas concepções são indispensáveis para compreender como essas CTs atuam, uma vez que tanto na perspectiva da doença quanto na do pecado o uso problemático de drogas é tratado como um fenômeno de ordem individual e que pode se desenvolver independente do contexto social em que o indivíduo vive (LOECK, 2018).

Antes de esmiuçar os relatos das mulheres que buscam acolhimento em CTs, é necessário também fazer alguns apontamentos a respeito das narrativas compartilhadas nessas instituições. Em virtude destas CTs estarem alinhadas com determinados preceitos religiosos cristãos, os discursos que versam sobre as moralidades tendem a ser, em vários aspectos, bastante conservadores no que se refere às mulheres (TARGINO, 2021). As CTs em tela corroboram o entendimento de que a mulher é um indivíduo portador de fragilidades diferentes daquelas que estariam presentes nos homens. Ou seja, no contexto observado, as “fraquezas” que acometem as mulheres são geralmente associadas à sua sexualidade, o que justificaria a elaboração de estratégias religiosas voltadas para o exercício do controle sobre os corpos e subjetividades femininos. Nesse sentido, os apontamentos de Leite (2017) nos ajudam a compreender melhor esse aspecto

Dado que foi a mulher que manteve o primeiro contato com as forças do mal personificadas na serpente do Jardim do Éden, amalgamou-se o estigma da transgressão à natureza feminina. Consequentemente, o peso do pecado original exigia que sua sexualidade fosse policiada e a Igreja atentava para isso no confessional, vigiando incisivamente gestos, atos, sentimentos e até sonhos. (LEITE, 2017, p. 5).

Visto que a intenção do artigo é apresentar elementos que auxiliem na construção de conhecimento acerca dos significados envolvidos nas narrativas empregadas no atendimento de mulheres usuárias de substâncias, as orientações

de Weber (1991) e Geertz (1978) serão fundamentais. Ambos os autores informam sobre a potência criadora de sentido e motivação que a religião oferece aos indivíduos. Desse modo, as reflexões expostas a seguir serão atravessadas pela concepção weberiana de que as consequências provocadas pela religião na vida dos indivíduos estão intimamente ligadas ao sentido que ela possui para aqueles que a professam. Logo, a observação dos dados coletados nas entrevistas está permeada pela busca do significado atribuído pelas líderes e pelas acolhidas às experiências com o sagrado vividas dentro das CTs.

1 Pandemia e espiritualidade nas CTs

O conjunto das acolhidas entrevistadas nas CTs apresenta algumas particularidades. Trata-se de mulheres das camadas populares com amplo histórico de abuso de substâncias psicoativas, baixa escolaridade e vitimizadas por diversas modalidades de violência. Em suas narrativas estão presentes determinadas especificidades no que tange aos padrões de uso de substâncias por mulheres. Tais singularidades coadunam com as colocações feitas por Gomes (2010), onde a autora aponta que eventos como a morte do cônjuge ou uma separação, depressão, sentimentos de isolamento social, pressões familiares ou profissionais e abuso sexual na infância são os mais relatados pela parcela feminina como principais motivadores para o início do uso de drogas. Por outro lado, para efeito de comparação, há a informação de que os homens usuários de substâncias parecem ser mais influenciados pela valorização de comportamentos de exposição e superação de riscos (MORAES, 2010).

A peculiaridade do período mais radical de quarentena/pandemia gerou, segundo as líderes das CTs, alguns problemas, tais como a queda drástica das doações e o alto índice de abandono supostamente provocado pelo recebimento do auxílio emergencial⁸ concedido pelo governo federal e pela suspensão temporária das visitas para prevenir a contaminação das acolhidas. Todavia, uma vez que as entrevistas foram feitas quando as medidas preventivas ao Covid-19 começavam a ser flexibilizadas, a pesquisa encontrou uma realidade diferente, posto que o número de mulheres atendidas aumentou substancialmente e ambas

⁸ Segundo as líderes da CT1 e da CT2, muitas das mulheres acolhidas decidiram retornar à vida fora da instituição com o intuito de usar substâncias com os valores recebidos por meio do auxílio emergencial.

as CTs atingiram lotação máxima entre os meses de setembro e outubro de 2020. Nesse caso, constatou-se que houve retorno de parte do conjunto que abandonou o acolhimento nos meses anteriores concomitantemente à chegada de outras mulheres que também buscavam atendimento. Sendo assim, as entrevistadas localizam-se basicamente em dois grupos: aquelas que já estavam nas CTs quando foram estabelecidas as regras para evitar a contaminação pelo Covid-19; e aquelas que chegaram no momento de relaxamento das medidas preventivas.

Segundo os relatos das líderes das duas CTs, no que concerne especificamente ao auxílio emergencial, a ampla maioria das mulheres atendidas que o receberam decidiram por abandonar o acolhimento e, entre as que permaneceram mesmo após receberem o auxílio, há aquelas que designaram a totalidade ou parte do valor para a instituição e as que decidiram guardar o valor recebido para usufruírem após o período de permanência na CT. Entretanto, há um aspecto que parece não ter sido considerado pelas líderes das CTs em sua tentativa de identificar o motivo de tantas acolhidas terem deixado essas instituições durante os meses de absoluto isolamento. É necessário lembrar que mesmo nos tempos do “velho normal” anteriores à pandemia, no âmbito das CTs as mulheres atendidas já recebiam menos visitas de seus companheiros e demais familiares quando comparadas a parcela masculina (TARGINO, 2014). Esse dado remete à possibilidade de que a suspensão das visitas tenha agravado o sentimento de solidão dessas mulheres, e que isso teria colaborado substancialmente para que muitas delas decidissem retomar a vida fora da instituição.

Entre as entrevistadas na CT2, três delas haviam chegado à instituição antes da adoção das medidas sanitárias relativas à pandemia de Covid-19. Em seus relatos foi possível apreender que elas percebem suas experiências na CT como um evento de características excepcionais provocadas pelo isolamento social exigido nesse período. Segundo as entrevistadas, em consonância com o que nos foi relatado pela líder da CT2, muitas mulheres abandonaram a CT após o recebimento do auxílio emergencial, e isso fez com que o número de atendidas na instituição diminuísse bruscamente ao longo dos meses iniciais da pandemia. Aquelas que permaneceram – apenas 9 mulheres das 23 mulheres que se

encontravam na instituição entre os meses de fevereiro e março de 2020 – se autointitularam “as nove resistentes”. Isso pode ser visto como um indicativo de que, no período considerado, os significados atribuídos à permanência na CT pelas acolhidas ultrapassaram a esfera da busca pelo afastamento do uso de drogas e se desdobraram, também, em uma retórica de obstinação e persistência diante das adversidades impostas.

Hosana, 64 anos, viúva, usuária de álcool e residente na CT2 há um ano e seis meses, diz ser uma das nove resistentes. Ela relata que no início das medidas restritivas concernentes à pandemia de Covid-19, considerou deixar a instituição. Apesar disso, a entrevistada ponderou diversos fatores para a tomada de sua decisão final. Dentre eles, pesou bastante o fato de que Hosana, uma mulher que vive sozinha – seus familiares vivem no Estado da Paraíba e seu único filho mudou-se para outra cidade – precisaria cumprir o período de quarentena sem ter contato com outras pessoas. A possibilidade de permanecer na CT2 a fez decidir por ficar mais um período em acolhimento, pelo menos até que a pandemia esteja controlada. Mesmo com o panorama apresentado pela entrevistada, sua escolha por continuar na instituição é interpretada por ela principalmente como um ato de resistência, visto que mais da metade das mulheres optaram por retornar a vida fora da CT. Em suas palavras,

Quando entrou esse negócio de emergencial do governo, esse negócio mexeu muito com as mulheres daqui. Por isso que o pessoal em março [de 2020] ó... todas as meninas que saíram, receberam [o auxílio emergencial] [...] muitas que foram [embora] em março, que viram, cresceu o olho [...] esse período [de pandemia] foi mais tranquilo para mim e para as meninas que ficaram, porque só ficaram as que se davam bem umas com as outras. As mais problemáticas saíram logo no começo e a casa ficou vazia. Era uma tranquilidade que você nem imagina [...] eu falo por mim e acho que também posso falar um pouco por todas as resistentes porque eu mesma passei por uma mudança muito grande, digo uma *mudança da minha cabeça*, sabe? *A minha forma de ver a vida* [...] ficar aqui sozinha com mais oito, só, me ensinou muita coisa e *me deixou mais próxima de Deus*. (Hosana, acolhida da CT2, destaques nossos).

Outros relatos obtidos na CT1 se assemelham à narrativa apresentada por Hosana. Nesta CT, as medidas de prevenção ao Covid-19 foram ainda mais radicais, incluindo a suspensão de todas as atividades de cunho religioso que antes da pandemia eram realizadas coletivamente, como as missas e as reuniões dos grupos de oração. O enfrentamento do sentimento de solidão e o medo de

uma doença até então pouco conhecida esteve bastante presente nas falas das mulheres que decidiram permanecer na instituição mesmo após a adoção das medidas sanitárias. E, da mesma forma como foi observado na CT2, na CT1 as narrativas das acolhidas que passaram esse período na instituição convergiram no sentido de associar o contexto pandêmico à oportunidade de vivenciar o aprimoramento espiritual e o autoconhecimento. Isabel, 32 anos, usuária de cocaína e residente há oito meses da CT1, relata que

Eu pensei em ir embora, mas os meus pais são muito velhinhos e eu não queria correr o risco de colocar eles em perigo. Até porque eu sabia que se eu voltasse pra casa deles, eu não iria ficar o tempo todo dentro de casa. Eu ia acabar saindo pra rua, aí já viu. [...] no fim das contas, foi muito bom ter ficado aqui pra cuidar do meu vício. Eu descobri que eu era muito mais forte do que eu pensava. Porque, olha, ficar aqui sem receber visita de ninguém esse tempo todinho é difícil, viu? Não é pra qualquer um, não [...] mas, aí, ficar longe da minha família foi bom pra pôr minha cabeça no lugar e me ligar mais com Deus. Eu sempre fui católica, só que eu era aquela católica que nunca vai na missa. E aí, quando eu cheguei aqui, *fui aprendendo a conversar mais com Deus e fui encontrando minha força interior*. Acho que ficar sozinha me ajudou muito nisso. *Hoje eu sou mais forte*. (Isabel, acolhida da CT1, destaques nossos).

As falas de Hosana e Isabel revelam que as negociações realizadas no cotidiano das duas CTs ocorrem sob a gramática da espiritualidade e da ressignificação de símbolos compartilhados internamente. No caso de Isabel, essa dimensão fica evidente na forma como ela cria uma correspondência entre sua “força interior” e “aprender a conversar com Deus”. De fato, a importância de se conectar com Deus para se afastar do uso de substâncias faz parte das narrativas compartilhadas em ambas as CTs. Contudo, a maneira como cada acolhida interpreta e realiza essa conexão tem a ver com suas perspectivas particulares no que se refere à ligação com o sagrado. Ao dizer que aprendeu a conversar com Deus e que isso a teria ajudado a encontrar sua força interior, Isabel indica que seu contato com Deus é algo que acontece em sua esfera íntima e relativamente independente das orientações institucionais.

Seguindo na mesma direção, o relato de Hosana trás o registro de uma das nove resistentes, um grupo de mulheres que se autointitulou dessa maneira por se entenderem mais fortes que as demais mulheres que deixaram a CT2 no início da adoção das medidas preventivas ao novo coronavírus. Na percepção de Hosana, ser uma das resistentes provocou “mudanças na sua cabeça” e lhe

proporcionou outra forma de ver a vida. Na perspectiva da entrevistada, as transformações pessoais significativas pelas quais passou a deixaram mais próxima de Deus, ao mesmo tempo em que sua compreensão sobre a experiência de residir em uma CT durante o período mais radical da quarentena sinaliza o quão forte/resistente ela pode ser.

2 Conversão e agência nas CTs

No contexto da moralidade religiosa empregada institucionalmente, espera-se que as acolhidas se convertam à doutrina professada pelas CTs. A conversão, observada como parte estruturante da composição de um novo *ethos* para os indivíduos no âmbito de CTs religiosas, foi analisada por Teixeira (2013, 2016), que descreve esse fenômeno por meio de dois elementos distintos: a crença e o engajamento. Ou seja, um indivíduo considerado plenamente convertido por seus pares precisa estar envolvido nas práticas religiosas e expressar/sentir que acredita na eficácia de tais práticas. Em outras palavras, os dois pilares da conversão são formados pela crença e pela prática.

Ainda que a crença e o engajamento possam se confundir no bojo da concepção geral de conversão, deve-se destacar que, no cenário das CTs, é comum que os acolhidos sejam constantemente impulsionados, por meio de exigências institucionais, a se engajarem com *a palavra*, mesmo que, a priori, eles não acreditem nela. Inclusive, o reforço para a adesão do indivíduo a essas práticas é lido, nesse contexto, como uma forma de conduzi-lo da descrença à crença (TEIXEIRA, 2013, 2016). Isto é, segundo as narrativas compartilhadas no espaço da CT, a prática religiosa é capaz de mobilizar no acolhido o sentimento de crença necessário ao processo de conversão.

Em geral, líderes de CTs relatam que não impõem aos acolhidos as práticas religiosas realizadas nessas instituições. Não obstante, em suas narrativas é recorrente a afirmação de que, sem o engajamento com as práticas religiosas, o afastamento do uso de substâncias é quase impossível, especialmente pelo fato de que a rotina institucional costuma estar atravessada por atividades de cunho religioso (TARGINO, 2014).

Quando questionada a respeito do papel das atividades religiosas e da conversão no atendimento a mulheres usuárias de substâncias, Marta⁹, líder da CT2, responde¹⁰:

Importantíssimo. E atividade religiosa pra gente *não é religiosidade*. É saber exatamente que Cristo é o agente que começou tudo isso. E essa conversão em Cristo Jesus é a via notória, e eu digo pra você, única [...] A ferramenta que a gente entrega pra elas [para as mulheres acolhidas pela CT2] não vem do ser humano. Uma coisa que foi desconsertada pela praga da droga, pode dar o remédio que for, alopático que for. Mas, a nossa visão, a visão da (CT2) é *crístocêntrica*. [...] Se ela se permitir ser tratada, *ela vai ser tratada à luz da bíblia, e quem vai fazer a transformação é Deus*. Nós cremos. Particularmente falando, eu já vi “n” pessoas sendo transformadas aqui, a partir do momento em que ela permite ser cuidada pelo poder de Deus. Nós só damos o caminho. Nós direcionamos, sim. Nós conduzimos e passamos isso. Mas a gente entende, socialmente falando, é possível também, sim, várias pessoas disseram “não” e, sem se converter, passou pela [CT2], conheceu a palavra, sim, mas não gerou nela aquela beatice. Não é isso que a gente tá falando. *A gente tá falando de um contexto de mudança de mente, de mudança de atitude, de mudança de comportamento*. E pra refazer tudo isso no contexto de caráter, é só Ele que pode fazer, porque Ele construiu. Ele é o construtor. Então, Ele sabe exatamente o que vai mexer, onde vai mexer, quando a gente permite que Ele cuide. Então essa é a condição, é a ferramenta, talvez, talvez não, com certeza, de mais peso, que a gente vai colocar. (Marta, líder da CT2, destaques nossos).

Marta corporifica a narrativa institucional e revela o quanto a CT2 está comprometida com o entendimento de que a conversão a Jesus Cristo é a opção mais eficiente contra a dependência de substâncias. Mesmo que a líder aponte que várias mulheres que passaram pela CT2 conseguiram deixar o uso de drogas sem experienciarem a conversão, toda sua fala está permeada pela compreensão de que as acolhidas precisam “se permitir serem tratadas” para que, assim, Deus possa fazer a mudança necessária em suas vidas. O que Marta chama de “tratamento à luz da bíblia” representa o que ela considera o caminho mais curto para a mudança da mente, da atitude e do comportamento dessas mulheres. Por fim, a líder indica como a dependência de drogas é classificada institucionalmente: uma questão de ordem individual que deve ser solucionada através da adesão religiosa.

⁹ Todos os nomes mencionados neste artigo são fictícios.

¹⁰ Todos os trechos de falas das mulheres acolhidas e dos líderes presentes ao longo do artigo são transcrições literais, inclusive com possíveis erros, retiradas das entrevistas.

Diante da pergunta “qual é o papel das atividades religiosas e da conversão na estruturação do método ofertado pela instituição?”, Ester, líder da CT1, reafirmou o posicionamento de Marta sobre a conversão e relacionou outros elementos igualmente valorizados na CT católica. Segundo Ester, a convivência em coletividade, a dedicação em aprender os ensinamentos sobre os cuidados de si – e das crianças que acompanham suas mães – e o compromisso das acolhidas com as atividades domésticas são tão importantes quanto a conversão e a participação nas práticas religiosas. Dessa forma, pode-se dizer que na CT1 a conversão, ou o envolvimento das acolhidas com as práticas e a crença religiosas, não constitui o único elemento central na estratégia de afastamento dessas mulheres do uso de substâncias. Se, por um lado, a CT2 expõe uma perspectiva absolutamente *crístocêntrica*, por outro nota-se que a CT1 não formula seus protocolos de atuação com base apenas na doutrina religiosa, mas também nos ensinamentos da disciplina e dos cuidados de si e das crianças. Aqui, deve-se acrescentar que a CT1, se comparada a CT2, mostra-se mais tolerante com as acolhidas que se recusam a participar de determinadas atividades religiosas¹¹.

Ainda que as líderes manifestem a expectativa de que as acolhidas se convertam, é necessário observar como essas mulheres se apropriam das práticas e crenças religiosas no cotidiano das CTs. Apesar da conversão ser apresentada pelas líderes como a estratégia mais eficiente na luta contra o uso de substâncias, esse processo não acontece à revelia da vontade das acolhidas. Elas, que muitas vezes carregam consigo experiências e adesões religiosas anteriores, podem experienciar – ou não – a conversão de diversas maneiras e aderir às crenças e às práticas com as quais tenham mais afinidade. Além disso, prática e crença não necessariamente andam lado a lado, posto que mesmo em situações onde há participação frequente e ativa do indivíduo nas atividades religiosas é possível encontrar níveis variados de crença (MAFRA, 2002). E, ainda que se exija a conversão dessas mulheres, elas, ao saberem que sua permanência na CT depende disso, podem assumir performances que atendam as demandas institucionais.

¹¹ Este dado é proveniente das observações de campo feitas pela autora ao longo do período de realização das entrevistas.

Com o objetivo de localizar a fronteira entre a crença e o engajamento das acolhidas entrevistadas, foram analisadas as respostas que elas deram às seguintes perguntas: “qual é a sua religião?” e “sua religião atual é a mesma que você professava antes de ingressar na CT?”. É preciso ressaltar que o recorte da pesquisa é limitado quando comparado ao universo das acolhidas. De todo modo, a observação das respostas para as perguntas mencionadas pode oferecer algumas impressões acerca do nível de crença que as acolhidas possuem em relação à doutrina institucional.

Quadro 1. Síntese das respostas das acolhidas às perguntas “qual é a sua religião?” e “sua religião atual é a mesma que você professava antes de ingressar na CT?”

| | | |
|----------------------------|---------|---------------------------------------------------------------------------|
| CT1 – Católica Carismática | Sara | Evangélica desde antes de ingressar na CT. |
| | Rebeca | Evangélica desde antes de ingressar na CT. |
| | Débora | Já se definia como católica antes de ingressar na CT. |
| | Isabel | Já se definia como católica antes de ingressar na CT. |
| | Ana | Já se definia como católica antes de ingressar na CT. |
| CT2 - Evangélico de missão | Raquel | Era evangélica, agora se diz uma "filha de Deus" sem religião. |
| | Talita | Não tinha/tem religião. "Tenho o meu Deus". |
| | Abigail | Diz que "está vivendo com o espírito santo" e que não tinha/tem religião. |
| | Hosana | Foi católica, tornou-se evangélica após ingressar na CT. |
| | Eva | Não tinha religião, tornou-se evangélica após ingressar na CT. |

Fonte: Entrevistas e sumarização da autora.

Diante das respostas das acolhidas, é possível afirmar que não ocorreram conversões ao catolicismo na CT1. Por outro lado, na CT2, onde a conversão é classificada como o elemento mais importante do método aplicado, foram registradas respostas como “sou filha de Deus”, “tenho o meu Deus” e “vivo com o espírito santo” apresentadas por Raquel, Talita e Abigail, respectivamente. Esses dados apontam que tanto na CT1 quanto na CT2 ocorrem contrastes entre a religião institucional e a religião declarada pelas acolhidas, e esse aspecto sugere que, provavelmente, há certa resistência por parte dessas mulheres em se converterem à religião professada pela CT. Ao mesmo tempo, as aproximações entre os conjuntos cosmológicos da vertente evangélica e do catolicismo carismático permitem determinados trânsitos religiosos na CT1, onde duas

entrevistadas disseram ser evangélicas. Por fim, outra conclusão possível no tocante às informações do Quadro 1 é que, mesmo diante das claras orientações institucionais, essas mulheres se sentem autorizadas a exercer seu poder de agência em relação às orientações religiosas e espirituais das CTs, promovendo, assim, novas formas de pertencimento e conexão com o sagrado.

As narrativas das acolhidas no que se refere ao que elas consideram o “verdadeiro encontro com Deus” também são bastante elucidativas sobre seus níveis de crença e engajamento na religião institucional. Sobre sua experiência na CT, Raquel, 32 anos, dependente de cocaína e álcool, residente há um ano e quatro meses na CT2, diz que:

Eu passei um tempo aqui dentro achando que era só obedecer às regras, que era só ser uma boa moça. No geral, você dizer que você obedece às regras, que você faz a sua parte. Por exemplo, eu fazia a minha parte, mas eu não tava nada fazendo a minha parte porque eu tava me escondendo atrás de uma *capa de religiosidade*. Porque eu escutava todos os cultos, eu sabia onde tinha as palavras escritas na bíblia, mas eu não vivia as palavras que eu lia. Muitas vezes eu gravava por um *status*, eu queria saber porque eu queria que o pastor chegasse aqui e eu respondesse bem, ser a respondona que responde as coisas, que fala bem, a que sabe muito bem onde tem referências. Então, é... Eu me escondi numa *capa de religiosidade*. Eu de verdade *não deixei Jesus entrar no meu coração e trabalhar o que precisava ser trabalhado* [...] Então, aqui dentro da [CT2] foi muito bom pra mim descobrir quem sou eu, porque eu não sabia quem era eu. Eu não me conhecia. Eu não sabia das coisas que eu era capaz e do que eu sou capaz de fazer com Deus e em Deus. Que Deus de verdade pode mudar aquela velha criatura horrorosa pra uma mulher que eu sou hoje, uma mulher que ora, uma mulher que tem determinação de querer ter um relacionamento familiar restaurado. Que hoje almeja ser uma boa mãe. (Raquel, acolhida da CT2, grifo nosso).

Raquel tem uma trajetória muito comum entre mulheres atendidas por CTs. Antes de buscar acolhimento na CT2, ela passou um período em outra CT vinculada a uma igreja neopentecostal e localizada na região metropolitana do Rio de Janeiro. Porém, sua primeira tentativa de se afastar do uso de substâncias por meio de uma CT não lhe trouxe os resultados desejados e, por isso, ela decidiu por abandonar a instituição. Algum tempo depois, seus familiares sugerem que Raquel busque auxílio na CT2 e, então, ela decide que é hora de tentar de novo. No relato da entrevistada ela destaca que, no início, preocupou-se em manter a performance de “boa moça”, sempre seguindo as regras da instituição e exibindo os versículos bíblicos que havia decorado. Contudo, seu alto nível de engajamento nas práticas religiosas não lhe parecia suficiente. Na perspectiva de Raquel, ela

estava apenas se escondendo sob uma “capa de religiosidade”. O cenário muda quando Raquel “descobre quem é” e que Deus pode de verdade mudar a “velha criatura” que ela era. E, após alcançar um nível de crença que considera genuína, ela passa a se classificar como uma mulher apta a ter uma família e ser uma boa mãe. Nesse ponto, é importante sublinhar que Raquel diz não ter religião e se autodefine apenas como “uma filha de Deus”. Esse dado pode ser visto como um registro de que a entrevistada tem exercido sua agência em relação à doutrina religiosa apregoada na CT2. Ou seja, as crenças de Raquel parecem ser relativamente independentes das narrativas institucionais.

Rebeca, Abigail e Talita, assim como Raquel, passaram por mais de uma CT e/ou que tiveram várias idas e vindas numa mesma CT. Elas atribuem o malogro de suas tentativas anteriores a não terem “deixado Jesus entrar no coração” e, igualmente, ressaltam em suas narrativas que a experiência atual é diferente e que dessa vez, de fato, houve um “encontro com Deus”. Em função disso, em seus relatos, as entrevistadas se sentem seguras para transmitir a convicção de que terão sucesso ao concluírem a estadia na CT. É nesse contexto que se encaixa o relato de Sara, 33 anos, dependente de álcool e residente na CT1 há três meses.

Se eu digo pra você que eu estou totalmente recuperada, eu serei soberba. Eu nunca vou poder falar assim “eu me recuperei, tô livre da maldição do vício”. Só que eu sinto que de todas as vezes que eu busquei tratamento, essa é a que mais me tocou por dentro. Pra mim é como se todas as outras vezes fossem uma experiência e só *agora eu estou aqui de verdade*. Porque dessa vez *meu encontro com Deus foi verdadeiro* e eu sei que eu posso contar com Ele quando eu sair daqui [...] E quando a gente sabe que pode contar com Deus, tudo fica mais fácil. Por Deus e em Deus eu posso te dizer que pro álcool eu não volto mais não. (Sara, acolhida da CT1, destaques nossos).

O conceito fenomenológico de corporeidade tratado por Csordas (2008) auxilia na compreensão da experiência com o sagrado narrada por essas mulheres. De acordo com o autor, “o corpo não é um objeto em relação à cultura, mas é o sujeito da cultura.” (CSORDAS, 2008, p. 102). Olhando por esse ângulo, afasta-se do aspecto mecanicista da observação da (in)eficácia dos processos terapêuticos e volta-se para a exploração do significado construído através da experiência com o sagrado e nas transformações subjetivas que essas mulheres experimentam durante o período que permanecem na CT. Sara e Raquel oferecem bons exemplos de processos de ressignificação onde a prática mecânica

dos rituais dá lugar a uma nova subjetividade que as conectam com o sagrado dentro da CT. Interessante notar que para essas mulheres, o afastamento do uso de substâncias se torna possível somente após a experiência de transformação subjetiva. *O verdadeiro encontro com Deus* é a virada de chave para essa nova subjetividade.

Diante de tudo que fora exposto até aqui, é possível apreender que os processos pelos quais se desenvolvem a crença e o engajamento destas mulheres dentro das CTs não são lineares ou coerentes. Mesmo quando a instituição tenta se impor como uma norteadora na relação das acolhidas com o sagrado, as entrevistadas exercem seu poder de agência e criam outras modalidades de pertencimento e experiências diversas com as práticas religiosas.

Considerações finais

A análise do material coletado para esta pesquisa possibilitou constatar que a conjuntura criada pela pandemia dentro das CTs observadas foi interpretada pelas acolhidas como uma oportunidade de experienciar transformações pessoais por meio de suas construções subjetivas acerca da espiritualidade. Seja se tornando uma das resistentes na CT2, ou encontrando sua força interior na CT1, essas mulheres revelam em seus relatos que as condições particulares às quais foram submetidas em função da adoção de medidas preventivas ao novo coronavírus lhes proporcionaram experiências singulares de conexão com o sagrado.

O conceito de corporeidade, tal como aparece em Csordas (2008), é fundamental para o melhor entendimento sobre como ocorrem as experiências com o sagrado vivenciadas pelas mulheres acolhidas. Por meio da análise dos relatos das entrevistadas, pode-se dizer que a conexão com o sagrado se realiza quando determinadas transformações subjetivas acontecem. Tanto no caso das nove resistentes da CT2, que associam persistência e obstinação à retórica de aprimoramento espiritual, quanto nos relatos de Sara e Raquel, que enfatizam a experiência do verdadeiro encontro com Deus, nota-se que os processos de ressignificação vivenciados por essas mulheres são extremamente importantes no sentido de (re)criar um *ethos* que coadune com o afastamento do uso de substâncias.

Ao mesmo tempo, a dimensão da agência exercida pelas acolhidas diante das orientações institucionais é percebida pela forma como elas narram suas trajetórias dentro da CT. Nas falas dessas mulheres encontram-se elementos que apontam para processos de ressignificação que ocorrem dentro da esfera íntima e relativamente independentes da instituição. Isso fica evidente quando da observação do Quadro 1, posto que as respostas das entrevistadas para as perguntas “qual é a sua religião?” e “sua religião atual é a mesma que você professava antes de ingressar na CT?” nem sempre estão completamente alinhadas aos preceitos da CT1 e da CT2, ao mesmo tempo em que expressam como cada acolhida pode classificar de maneira distinta sua relação com o sagrado.

A adesão à crença, registrada na frase “deixar Jesus entrar no coração”, repetida diversas vezes pelas entrevistadas, funciona como um marcador em suas trajetórias. Quando o engajamento nas práticas religiosas institucionais se encontra com a crença na ação do sagrado surge o marco inicial da transformação e da cura do indivíduo. Inclusive, nos casos das entrevistadas que passaram por várias CTs e/ou abandonaram e retornaram diversas vezes para uma mesma CT, a interpretação das líderes e das acolhidas é que a “capa de religiosidade” não é um elemento suficiente para alcançar as benesses prometidas pela instituição. A religiosidade por si só, compreendida aqui como um processo mecânico de repetição ritualística, não é capaz de promover a transformação substancial almejada pelos atores envolvidos na CT, uma vez que a prática sem a crença, no contexto observado, não tem significado.

Entretanto, a efetiva mudança de comportamento e a adoção de um estilo de vida afastado do uso de substâncias somente poderão ser testadas quando as acolhidas deixarem a instituição. Isso porque, como os dados demonstram, o encontro com o sagrado precisa de condições ambientais específicas que viabilizem a anulação das pressões cotidianas inerentes à vida fora dos muros da CT. A grande questão que se coloca é que, nem sempre, essas mulheres encontrarão circunstâncias semelhantes às da CT após finalizarem o período de acolhimento.

REFERÊNCIAS

BERGER, P. **Rumor de anjos**: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis: Vozes, 1996.

CAMPOS, L. S. “Evangélicos de missão” em declínio no Brasil: exercícios de demografia religiosa à margem do Censo de 2010. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). **Religiões em movimento**: o Censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 127-160.

CARRANZA, B. **Renovação carismática católica**: origens, mudanças e tendências. Aparecida: Santuário, 2000.

CSORDAS, T. **Corpo, significado, cura**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

DE LEON, G. **A comunidade terapêutica**: teoria, modelo e método. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GIUMBELLI, E. **O fim da religião?** Dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. São Paulo: Attar, 2002.

GOMES, K. V. **A dependência química em mulheres**: figurações de um sintoma partilhado. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Nota Técnica nº 21 (Diest)**: Perfil das comunidades terapêuticas brasileiras. Brasília: IPEA, 2017.

LEITE, K. L. C. Implicações da moral religiosa e dos pressupostos científicos na construção das representações do corpo e da sexualidade femininos no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 49, e174922, 2017.

LOECK, J. F. Comunidades terapêuticas e a transformação moral dos indivíduos: entre o religioso-espiritual e o técnico-científico. *In*: SANTOS, Maria Paula (org). **Comunidades terapêuticas**: temas para reflexão. Rio de Janeiro: IPEA, 2018. p. 77-100.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

MAFRA, C. J. **Na posse da palavra**: religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

MORAES, M. Gênero e usos de drogas: por que é importante articular esses temas? *In*: MORAES, M.; CASTRO, R.; PETUCO, D. (orgs.). **Gênero e drogas**: contribuições para uma atenção integral à saúde. Recife: Instituto PAPAI, 2010.

ORO, A. P.; STEILL, C. A. (orgs.). **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes, 1977.

SIQUEIRA, D. O labirinto religioso ocidental: da religião à espiritualidade. Do institucional ao não convencional. **Soc. Estado**, v. 23, n. 2, p. 425-462, 2008.

TARGINO, Janine. **Religião contra as ‘drogas’**: estudos de caso em duas comunidades terapêuticas religiosas para dependentes químicos no Rio de Janeiro. Tese de doutorado – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

TARGINO, Janine. “Interfaces entre religião, uso problemático de drogas, moralidades e gênero em comunidades terapêuticas”. *In*: RUI, Taniele; FIORE, Mauricio (eds.). **Working Paper Series: comunidades terapêuticas no Brasil**. Brooklyn: Social Science Research Council, 2021. p. 107-121.

TEIXEIRA, César. **A teia do bandido**: um estudo sobre bandidos, policiais, evangélicos e agentes sociais. Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

TEIXEIRA, César. O testemunho e a produção de valor moral: observações etnográficas sobre um centro de recuperação evangélico. **Religião e Sociedade**, v. 36, n. 2, p. 107-134, 2016.

WEBER, M. Sociologia da religião. *In*: WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1991. p. 279- 418.